

Um panorama histórico das animações pernambucanas dirigidas por mulheres

A historical overview of Pernambuco animations directed by women

Marcos Buccini¹ 

RESUMO

Historicamente, a participação de mulheres em posições de destaque no mercado do audiovisual é bem inferior à de homens. Na animação essa realidade se repete. Nos grandes estúdios, como Disney, as mulheres eram contratadas para exercer funções repetitivas, consideradas inferiores, cabendo aos homens as funções mais importantes e que envolviam a criatividade. Na história da animação, por mais que tenhamos nomes importantes, como Lotte Reiniger, Claire Parker, Joy Batchelor, Joanna Quinn, Regina Pessoa e Caroline Leaf, ainda existe uma discrepância entre homens e mulheres em funções principais, por exemplo: a direção. Como parte de uma extensa pesquisa sobre a animação pernambucana, o presente artigo trouxe um panorama histórico da participação das mulheres nos filmes e nas séries de Pernambuco, procurando exaltar as principais obras que possuem mulheres como diretoras. Essa é ainda uma abordagem inicial e exploratória, que pretende observar de que forma ocorreu a evolução da participação feminina dentro da filmografia pernambucana, desde a primeira mulher a ser creditada em um filme de animação, Silvana Delácio, em 1979, até o protagonismo exercido atualmente por diretoras como Nara Normande e seu premiadíssimo filme *Guaxuma* (2018).

Palavras-chave: animação pernambucana; cinema; mulheres; história da animação.

ABSTRACT

*Historically, the participation of women in prominent positions in the audiovisual market is much lower than that of men. In animation, this reality is the same. In important studios, like Disney, women were hired to perform repetitive functions, considered inferior, while men were responsible for the most important functions and that involved creativity. In the history of animation, as much as we have important names like Lotte Reiniger, Claire Parker, Joy Batchelor, Joanna Quinn, Regina Pessoa, and Caroline Leaf, there is still a discrepancy between men and women in major roles such as directing. As part of an extensive research on Animation in the state of Pernambuco, this article provides a historical overview of women's participation in Pernambuco's films and series, seeking to highlight the main works that have women as directors. This is still an initial and exploratory approach, which intends to observe how the evolution of female participation within Pernambuco filmography occurred, from the first woman to be credited in an animated film, Silvana Delácio, in 1979, to the main role currently exercised by directors like Nara Normande and her award-winning film *Guaxuma* (2018).*

Keywords: Pernambuco's animation; cinema; women; animation history.

¹Universidade Federal de Pernambuco – Recife (PE), Brasil. E-mail: marcosbuccini@gmail.com

Recebido em: 17/06/2021 – Aceito em: 14/10/2021

INTRODUÇÃO

Historicamente, a participação de mulheres em posições de destaque no mercado do audiovisual é bem inferior à de homens. Na animação essa realidade se repete. São famosas as histórias dos grandes estúdios, como Disney, em que as mulheres eram contratadas para exercer funções repetitivas, consideradas inferiores, como colorista, cabendo aos homens as funções mais importantes e que envolviam a criatividade (FURNISS, 2009). Na história da animação, por mais que tenhamos nomes importantes, como Lotte Reiniger, Claire Parker, Joy Batchelor, Joanna Quinn, Regina Pessoa e Caroline Leaf, ainda existe uma discrepância entre homens e mulheres em funções principais, como a direção. Segundo um estudo realizado pela USC Annenberg Inclusion Initiative com o grupo Women in Animation, entre 2007 e 2018, apenas 3% dos longas-metragens de animação foram dirigidos por mulheres. Em seriados de TV, somente 13% dos episódios tiveram mulheres no comando (SMITH *et al.*, 2019). Ainda segundo o Women in Animation, hoje 60% dos estudantes de animação são mulheres, porém apenas 20% dos cargos considerados criativos são ocupados por elas (WOMEN IN ANIMATION, 2021).

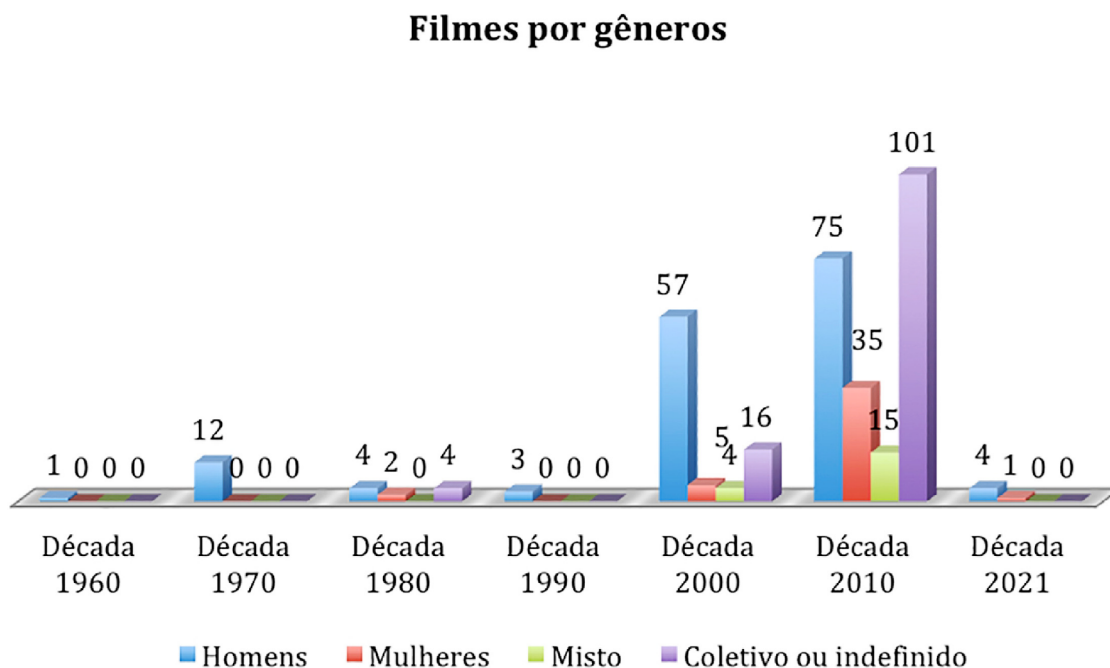
No Brasil, essa situação não é tão diferente. Só para se ter um exemplo, das 103 animações citadas no livro *Animação Brasileira 100 filmes essenciais*, lançado pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema, 17 foram dirigidas, ou codirigidas, por mulheres, sendo apenas nove unicamente com mulheres na função de direção (CARNEIRO; SILVA, 2018). Outro dado importante é fornecido pela pesquisa *Eu sou animação no Brasil*, de Cristiane Fariah (2015). Segundo o levantamento feito pela pesquisadora, 72% (602 pessoas) dos profissionais que trabalham com animação no Brasil, em diversas áreas de atuação, eram homens e apenas 28% (238 pessoas) eram mulheres.

Não temos (ainda) informações quantitativas sobre o número de mulheres e homens que atuam no mercado de animação em Pernambuco. Nesta pesquisa irei focar, majoritariamente, nas mulheres que são creditadas como diretoras ou codiretoras nos curtas pernambucanos. De 1972 até o momento, 62 animações pernambucanas tiveram pelo menos uma mulher creditada como diretora, do total de 337 obras — ou seja, apenas um quinto dos filmes. Dessas 62 animações, 43 foram dirigidas exclusivamente por mulheres.

Porém, apesar de ainda serem poucas, vem aumentando o número de animações dirigidas por mulheres. A partir do Gráfico 1, podemos perceber esse crescimento. Até os anos 2000, Pernambuco só tinha dois filmes com uma mulher na direção, feitos na década de 1980. Já na primeira década do novo século, cinco filmes têm na direção apenas mulheres e quatro têm a participação de homens e mulheres no comando, ou seja, nove no total, enquanto os filmes exclusivamente dirigidos por homens foram no total 57.

Na década seguinte, a produção total cresceu muito em Pernambuco, de 82 filmes para 226 — um crescimento de quase 200% —, enquanto o número de curtas com homens na direção passa de 57 para 75, um aumento menor que 50%. O número de filmes dirigidos exclusivamente por mulheres aumentou de cinco para 35,

Gráfico 1. Gênero dos diretores por década.



Fonte: elaborado pelo autor.

sete vezes mais. Ou seja, na década de 2000, os filmes exclusivamente dirigidos por mulheres era menos de um décimo da quantidade de filmes dirigidos por homens. Já na década seguinte chegaram a quase metade. Os filmes mistos, que possuem na direção homens e mulheres, passou de quatro para 15. Cerca de três vezes mais.

Mas quem são essas mulheres? Que filmes são esses? Qual o contexto de produção? Como parte de uma extensa pesquisa sobre a animação pernambucana, o presente artigo traz um panorama histórico da participação das mulheres nos filmes e séries de Pernambuco, procurando exaltar as principais obras que possuem mulheres como diretoras nessa filmografia. Essa é ainda uma abordagem inicial, exploratória e mais quantitativa do que qualitativa. Em uma próxima etapa, contando com a participação da pesquisadora Christiane Quaresma, iremos realizar uma série de entrevistas com as animadoras, diretoras e produtoras do mercado do estado para entender como se dá essa participação, quais as características desse trabalho e que dificuldades elas enfrentam em um cenário dominado por homens há tanto tempo. A ideia é entender a realidade de Pernambuco e comparar com a situação das mulheres na animação no restante do país a partir de pesquisas como a de Carla Schneider *et al.* (2020).

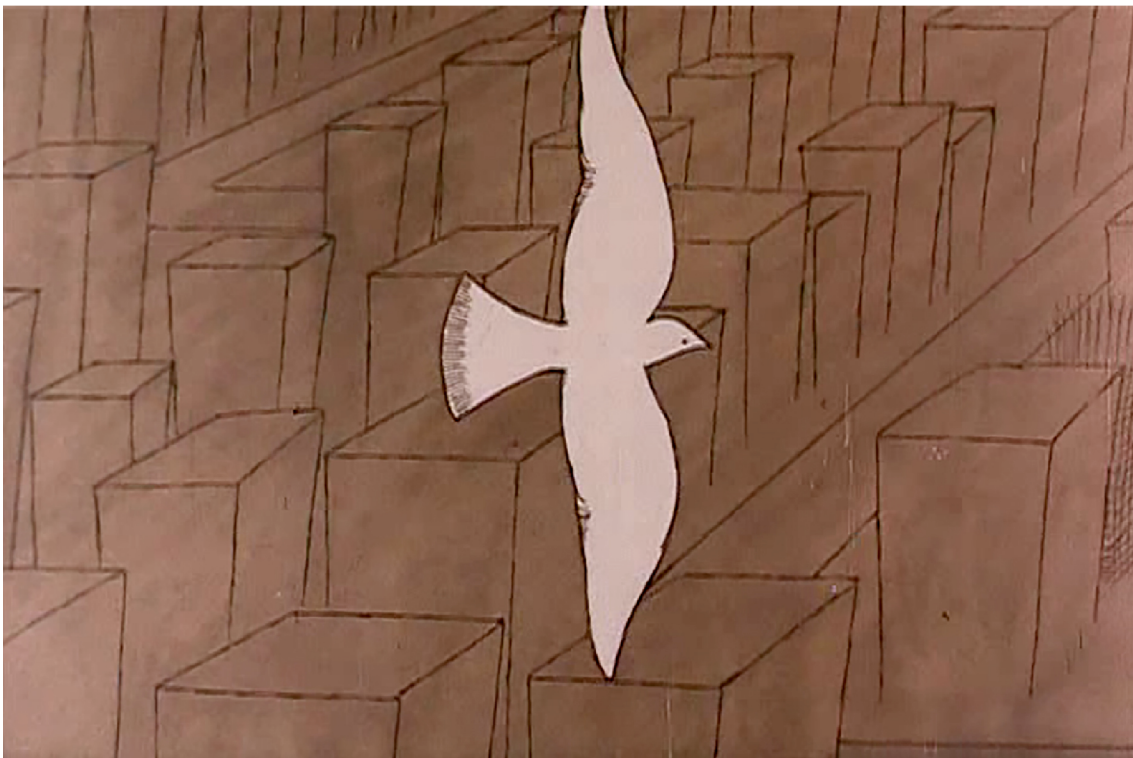
O INÍCIO DA ANIMAÇÃO EM PERNAMBUCO

Existem indícios de que a animação no estado de Pernambuco tenha tido a sua primeira obra realizada no final da década de 1960 com o filme intitulado *A Luta* (1968), do diretor Sérgio Bezerra Pinheiro. Feito diretamente na película, o curta conquistou o prêmio de melhor animação no IV Festival Brasileiro de Cinema

Amador, no Rio de Janeiro (RJ), em 1968. Porém as únicas menções de que a origem desse filme seria pernambucana encontram-se em duas matérias do *Jornal do Brasil* (AZEREDO, 1968) relativas ao evento e no livro de Antônio Moreno (1978). Não existe na historiografia do cinema pernambucano nenhuma menção ao filme ou ao seu criador. Tampouco se tem qualquer outro indício que esse filme tenha sido feito em Pernambuco ou que seu autor era originário do estado.

Por isso consideraremos, neste estudo, que o início do cinema animado pernambucano foi realizado nos primeiros anos da década de 1970, com o surgimento do Ciclo do Super-8 do Recife (PE), sendo o marco inicial um experimento simples que usou folhas de acetato reutilizadas chamado *Vendo/Ouvindo* (1972), realizado pelo animador Lula Gonzaga e pelo cineasta Fernando Spencer (BUCCINI, 2017). O Ciclo do Super-8 gerou ainda mais 14 animações, nenhuma delas com participação de mulheres. Somente no último ano da década de 1970, quando Lula Gonzaga dirigiu seu segundo filme, é que tivemos o nome de uma mulher nos créditos de uma animação pernambucana.

Silvana Delácio, esposa de Lula Gonzaga, é uma mineira radicada em Pernambuco que trabalhou como atriz, roteirista e produtora na área de cinema. Coordenou o Cine Bajado em Olinda de 1989 a 1991. No filme *A Saga da Asa Branca* (1979) (Figura 1), feito em 35 mm, ela assina o roteiro e a pintura dos acetatos. Também participou do terceiro filme de Lula, *Cotidiano* (1980), uma refilmagem em 35 mm de *Vendo/Ouvindo* (1972), com a sequência de fotografias e pintura. Silvana ainda colaborou com outras empreitadas do esposo, como ajudando a coordenar o



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.

Figura 1. *A Saga da Asa Branca* (1979), de Lula Gonzaga.

I Encontro Nacional de Cinema de Animação, em Olinda, no ano de 1987, além de diversos outros projetos, mas nunca como protagonista. No início dos anos 2000, virou professora de história do ensino médio, quando fez algumas animações com os alunos em sala de aula.

A PRIMEIRA ANIMADORA DE PERNAMBUCO

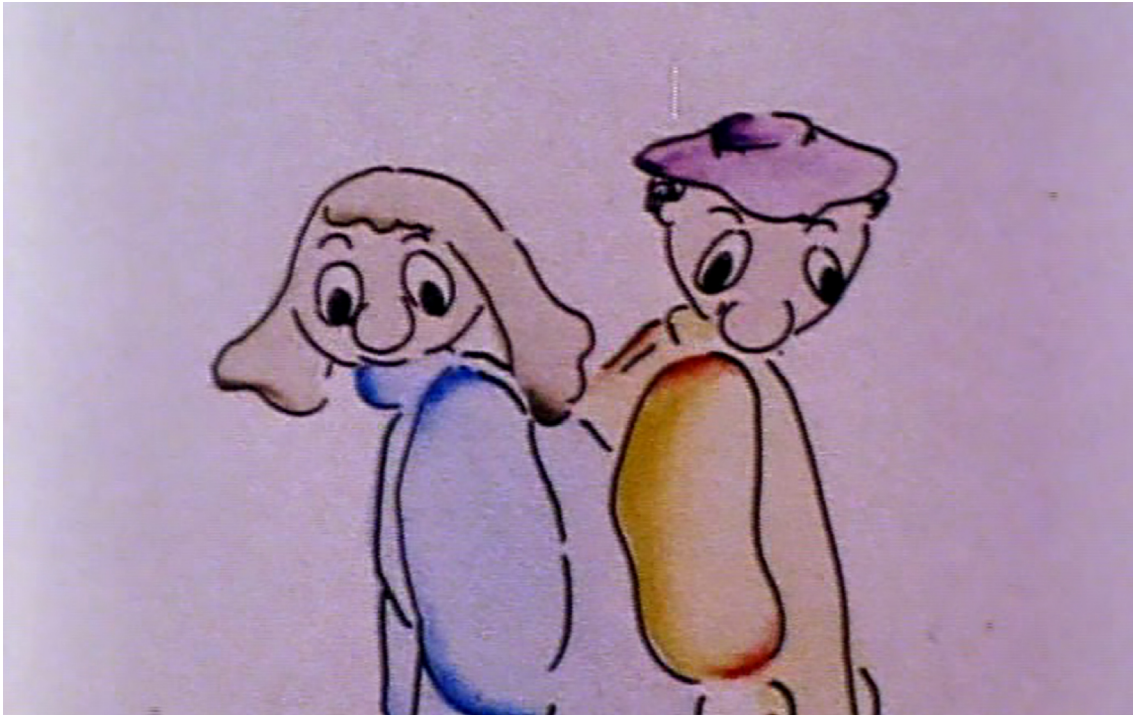
Nascida em 1965, filha da artista olindense Gina, Patrícia Alves Dias, desde cedo, teve acesso ao mundo das artes plásticas, por meio da mãe, e do cinema, por meio do pai. Criando desenhos e pinturas com bico de pena e aquarela desde de criança, aos 15 anos ela ganhou um prêmio de artista mais promissora de Pernambuco concedido pelo Museu de Arte Contemporânea. O movimento impresso nos seus quadros já apontava para a linguagem da animação.

Com o intuito de seguir a carreira no cinema, mais especificamente no cinema de animação, em 1982 Patrícia entrou no curso de Comunicação da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), onde encontrou colegas que compartilhavam a vontade de fazer filmes no estado. Foi durante esse tempo que ela fez sua primeira animação, intitulada *A Pé em Olinda*, como trabalho para uma disciplina. Era uma animação de poucos segundos feita direto na película Super-8 com bico de pena. O filme ficou restrito à sala de aula, servindo apenas como um exercício (BUCCINI, 2017).

Patrícia participou em diversas produções *live action* em meados da década de 1980. Nessa época, uma experiência definiu o seu destino profissional: um acordo entre Brasil e Canadá, intermediado pelo animador carioca Marcos Magalhães, que durou de 1985 a 1987 e culminou com a criação do Centro Tecnológico Audiovisual (CTAv), no Rio de Janeiro, e a realização de um curso de animação com os animadores e professores canadenses Jean-Thomas Bedard e Pierre Veilleux (MAGALHÃES, 2007).

No final de 1985, Patrícia iniciou as atividades no CTAv. A primeira fase do curso durou cerca de um ano. Contando com os dez alunos selecionados, essa etapa foi chamada de técnicas de animação de baixo custo. O trabalho de conclusão da primeira etapa era um filme individual. Patrícia realizou *Presepe* (1986) (Figura 2), o primeiro filme pernambucano dirigido por uma mulher. Em seguida, ela foi selecionada para o segundo módulo do curso com mais quatro colegas, em 1986. O resultado final do curso de técnicas de animação profissionais foi um trabalho coletivo chamado *Alex* (1987), com orientação de Marcos Magalhães e de Pierre Veilleux.

O curta *Presepe* (1986) conta a história de um mamulengueiro em um grande centro urbano, fazendo um *show* com seus bonecos na rua. Porém ninguém olha para ele. O mamulengueiro vai dormir muito triste. No sonho do homem, os bonecos ganham vida, fogem e devem enfrentar vários perigos. No fim, o mamulengueiro acorda e vê que os bonecos não estão mais na caixa. Ele então os encontra em uma poça de lama. Patrícia utilizou duas técnicas distintas. Na abertura e no encerramento, ela usou animação quadro a quadro de recortes. Já na parte do sonho, quando os bonecos ganham vida, a animação é feita a partir de pinturas em aquarela e bico



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.
Figura 2. *Presepe* (1986), de Patrícia Alves Dias.

de pena. O processo foi muito trabalhoso e experimental. Patrícia conta que “foram muitas aquarelas (...) e o papel era fino, enrugava” (DIAS, 2015).

Terminado o curso, a proposta era que os alunos fossem multiplicadores do conhecimento adquirido. Patrícia, além de dar cursos pelo país, trabalhou como curadora, foi membro do júri de vários festivais, finalizou o curso de Jornalismo na Universidade Federal Fluminense e montou, com Aida Queiroz, César Coelho e Fábio Lignini, a Campo 4. A empresa conseguiu vários trabalhos de comerciais para TV. Mas a experiência durou pouco. “Não queria continuar fazendo publicidade, queria ter um caminho mais ligado à infância, isso era muito claro para mim” (DIAS, 2015).

Ela não voltaria a morar no Recife por mais de 20 anos. Porém sempre visitava a cidade e aproveitava para fazer trabalhos também na capital pernambucana. Entre eles, iniciou uma empreitada de três anos: a produção de um curta-metragem de *stop motion* realizado em vídeo U-Matic.

Baseada em um famoso folheto de cordel de autoria de José Camelo de Melo, a animação *O Pavão Misterioso* (1988) (Figura 3) foi, segundo Patrícia Alves Dias, a “primeira experiência *stop motion* em vídeo do país” (DIAS, 2015). Realizado nas instalações da TVU, de 1985 a 1988, e produzido pela TV Viva.

O processo técnico foi complicado. Como a câmera de vídeo não tinha a função de gravação quadro a quadro, como a maioria das câmeras de película, era necessário gravar vários segundos para extrair cada *frame*. Isso fazia com que demorasse muito entre a captação de um quadro e outro, o que tornava o trabalho de



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.

Figura 3. *O Pavão Misterioso* (1988), de Patrícia Alves Dias.

memorização do movimento do boneco muito complicado, uma vez que não existia possibilidade de rever o que já tinha sido animado. Além disso, extrair os quadros individuais do que foi gravado também tornava o trabalho de edição muito penoso.

O filme foi todo realizado com bonecos do artesanato popular confeccionados pela mestre bonequeira conhecida como Dona Edna. “Queríamos exatamente experimentar trabalhar uma estrutura *stop motion* a partir da arte popular tal qual ela era concebida, sem nossa interferência de profissionais de animação” (DIAS, 2015). Isso criou dificuldades com a movimentação dos bonecos, que não haviam sido construídos com a animação em mente.

Por todas essas dificuldades e ainda pelo roubo de todos os bonecos durante a produção, o filme demorou mais de três anos para ser completado. Patrícia não ficou em Recife esse tempo todo; ela voltava à cidade periodicamente durante o processo de produção. *O Pavão Misterioso* teve uma carreira de sucesso em festivais e ganhou prêmios importantes, como o de melhor vídeo infantil do Festival de Havana.

Depois do filme, Patrícia participou de diversos projetos, a maioria no Rio de Janeiro. Foi chamada pela presidenta da MultiRio para abrir um estúdio que valorizasse a pesquisa, a experimentação e o fomento do mercado e trabalhou em diversos projetos de animação cariocas.

ANOS 2000 – MÍDIAS DIGITAIS, AMADORISMO E EXPERIMENTAÇÃO

Só 16 anos (e 11 filmes) depois de *O Pavão Misterioso* (1988), tivemos outra animação com uma mulher na direção: *Banheiro Massa* (2004), um filme de um minuto codirigido por Maria Gabriela e Romero da Fonte, na época namorados, ambos estudantes do curso de Publicidade do Centro Universitário AESO. A animação foi realizada de forma precária na casa dos estudantes, usando a técnica de *stop motion*. O objetivo era participar do Festival 60 Segundos do Recife. No ano seguinte, Gabriela e Romero entraram como estagiários no recém-inaugurado Núcleo de Animação da AESO. Aproveitando a oportunidade, o filme foi refeito, dessa vez com estrutura e condições de produção melhores, como a utilização de câmeras profissionais e um *software* apropriado. Porém a direção desse novo filme, mais profissional, ficou a cargo apenas de Romero. Gabriela ficou nas funções de produção, direção de arte e sonoplastia. Em 2006, Maria Gabriela e Romero da Fonte dividiram mais uma vez a direção de um filme. Também realizado dentro do Núcleo de Animação da AESO, *Corrida de Jerico* (2006), feito no *software* Macromedia Flash. Foi a última incursão de Maria Gabriela na área de animação: quando saiu da faculdade, ela dedicou-se à publicidade (BUCCINI, 2017).

Ainda em 2005, Catarina Apolônio, aluna do curso de Radialismo e TV da UFPE, animou *7 vidas* (2005). O projeto nasceu de um roteiro escrito como trabalho final da disciplina eletiva Filmografia. A história mostra a relação perturbada de um gato chamado Tião, que adora sua dona, Sofia, mas ela o odeia. Assim, sempre que Tião se aproxima de Sofia, ela tira uma vida dele, o que se repete sete vezes durante o filme. Na verdade, a história é uma estratégia para mostrar a mesma situação de sete formas distintas. Assim, cada vez que Sofia vai matar Tião, a autora muda a estética da imagem, da montagem e do som, direcionando a sequência para determinado gênero do cinema. Segundo Catarina, as sete fases são: 1 – neutro; 2 – comédia; 3 – *western*; 4 – drama; 5 – videoclipe; 6 – expressionismo; 7 – experimental.

Catarina resolveu produzir o curta como trabalho de conclusão de curso. Por achar que seria muito difícil realizar o filme em *live action*, ela decidiu fazer em *stop motion* usando bonecos de massa de modelar. *7 Vidas* (2005), até onde sabemos, foi a primeira animação apresentada como trabalho de conclusão de curso para o Departamento de Comunicação da UFPE e provavelmente a primeira de Pernambuco. Essa foi a única experiência de Catarina com animação. Por questão de afinidade e por não ter visto, na época, oportunidades financeiras na área de animação, ela decidiu seguir sua paixão e trabalhar com áudio para cinema e vídeo (BUCCINI, 2017).

No mesmo ano, temos o filme *Caracolou* (2005), de Juliana Freitas, a primeira animação pernambucana a ser contemplada com um prêmio de um edital federal, o Curta Criança, promovido pela Secretaria do Audiovisual e pelo Ministério da Cultura. *Caracolou* (2005) lembra *Alice no País das Maravilhas*. Uma menina vai escovar os dentes e se depara com uma formiguinha. Ela conversa com a formiga em uma língua incompreensível, até que as duas são sugadas para dentro do ralo e acabam caindo em um jardim surreal. A filha de Juliana, Ingá, na época com sete

anos, foi a maior inspiração para a realização do filme. Ao saber do edital, a diretora se obrigou a criar algo que dialogasse com a fase da infância em que a filha estava. O curta foi exibido em alguns festivais, inclusive no primeiro Animage e no Festival de Vídeo de Pernambuco. Apesar da boa receptividade do público, Juliana não deu prosseguimento à carreira de animadora, considerando-a solitária e imaginando que o mercado de trabalho só lhe permitiria inserção se trabalhasse com publicidade (BUCCINI, 2017). Juliana hoje trabalha com *design* gráfico e artes plásticas.

Passaram-se mais cinco anos para que surgisse outra animação pernambucana dirigida por uma mulher. A animação de suspense *1:21* (2010), realizada em *pixillation* — técnica de *stop motion* com pessoas —, é um filme de suspense e assassinato que trabalha com a questão do sonho. Trata-se de um roteiro bem elaborado, que poderia ter sido feito com filmagem ao vivo. Mas a diretora, Adriana Câmara, resolveu usar fotografias em vez de filmagem. Essa solução dá ao filme um estilo de fotonovela e colabora para a atmosfera onírica presente no roteiro, pois tira a veracidade dos movimentos e trabalha mais com o estático do que com a cinesia (BUCCINI, 2017). Essa foi a única experiência de Adriana, que é atriz e produtora de teatro e cinema, com animação.

Ainda em 2010, temos o filme *Brecha* (2010) (Figura 4). Mais um trabalho acadêmico realizado por duas alunas do curso de Rádio e TV, Julia Araújo e Nathália D'Emery, na disciplina de Cenografia do recém-inaugurado curso de Cinema e Audiovisual da UFPE. O trabalho final pedia que os alunos entregassem o projeto de um cenário. Julia e Nathália resolveram usar o produto da disciplina e realizar um curta em *stop motion* com bonecos.



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.

Figura 4. *Brecha* (2010), de Julia Araújo e Nathália D'Emery.

A história brinca com o chavão sair do armário, no sentido de uma pessoa se assumir homossexual. O filme começa em preto e branco mostrando o dia a dia de um executivo que constantemente é aterrorizado por uma grande mão que surge no elevador, no escritório e, na parte final do filme, em seu quarto. A mão está sempre convidando o personagem para a seguir, até que ele se convence e entra no armário seguindo a mão. Lá ele encontra um mundo colorido com vários casais homoafetivos e, finalmente, o personagem pode se assumir como homossexual.

O grupo resolveu usar brinquedos articulados comprados em loja como personagens em vez de produzir os bonecos. Trata-se de uma decisão muito interessante à medida que aproveita a imagem de um personagem já famoso e distorce todas as ideias acerca dele.

Um ano depois, a dupla Júlia e Nathália D'Emery lançou um novo filme: *Coração Delator* (2011). A produção durou ao todo três meses e a animação foi apresentada como trabalho de conclusão do curso de Rádio TV da UFPE. O filme, baseado em um conto de Edgar Allan Poe, segue a mesma lógica estética do primeiro curta, usando bonecos de brinquedo como personagens e, dessa vez, com um acabamento um pouco mais elaborado, mas mantendo ainda a precariedade dos movimentos e da filmagem. Tanto Nathália quanto Julia nunca mais produziram outras animações autorais depois que saíram da faculdade (BUCCINI, 2017).

2010 – O INÍCIO DE UMA PROFISSIONALIZAÇÃO NA ANIMAÇÃO

Em 2011, foi lançado um filme que se tornaria marco para a animação em Pernambuco e o primeiro filme dirigido por uma mulher que realmente chama a atenção fora do estado: *Dia Estrelado* (2011) (Figura 5), de Nara Normande. A obra



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.

Figura 5. *Dia Estrelado* (2011), de Nara Normande.

pode ser considerada um símbolo do trabalho de uma nova geração de animadores autorais que unem excelência técnica, experimentação e uma narrativa mais conceitual em seus filmes.

Dia Estrelado (2011) é o primeiro *stop motion* finalizado em 35 mm de Pernambuco. Realizado com bonecos de massa, conta a história de uma família que vive em um cenário árido e estéril, marcado pela sede e pela fome. O ritmo do filme tem uma cadência própria. Ele convida o espectador a participar de um exercício de contemplação da imagem, sem forçar uma predominância da narrativa no sentido tradicional.

A equipe foi formada por alguns dos principais nomes da nova animação pernambucana, amigos de Nara do grupo Notstopmotion, como Maurício Nunes, Renata Claus, Diego Mascaro e Paulo Leonardo, além de contar com a participação de animadores experientes de fora do estado: Diego Akel, do Ceará, e Fábio Yamaji, de São Paulo.

A trajetória do filme começa em meados da década de 2000. Na época, Nara era apenas uma entusiasta da animação que se reunia aos domingos com amigos para experimentar a técnica do *stop motion*. Ela já havia feito dois experimentos com massinha. O primeiro, *Papa-papa* (2005), ganhou o primeiro lugar no 2º Festival do Minuto de Recife. O segundo chama-se *Metamorfeses*, mas que não teve participações em festivais. Em 2006, quando cursava Jornalismo, ela começou a desenvolver a ideia do que se tornaria o *Dia Estrelado*.

Em 2007, Nara conseguiu aprovar 40 mil reais para o projeto no edital do Sistema de Incentivo à Cultura (SIC) da prefeitura. Ela viajou no mesmo ano para São Paulo com o objetivo de participar de um curso de curta duração ministrado por Peter Peake, do animador britânico Aardman, promovido pelo Anima Mundi.

No início, quando ainda estava escrevendo os primeiros tratamentos do roteiro, Nara tinha a ideia de fazer o filme em um pequeno quarto em sua casa. Porém, ao conseguir o financiamento do SIC, e posteriormente, em 2008, mais 70 mil reais do Funcultura, ela vislumbrou a possibilidade de fazer um filme mais ousado e complexo, então logo sentiu a necessidade de montar uma estrutura maior para conseguir alcançar a qualidade pretendida.

O filme enfrentou uma adversidade muito comum no cinema de animação de Pernambuco: a falta de profissionais e de uma estrutura apropriada. Como consequência, o filme levou muito tempo para ficar pronto: três anos de estúdio, mais um dividido entre pré e pós-produção. A própria Nara era uma neófito em se tratando de uma produção tão grande. Assim, o que aconteceu com o *Dia Estrelado* (2011) é algo que acontece com muitos filmes dentro de uma produção ainda amadora e iniciante: os participantes aprendem a fazer enquanto produzem o filme. Um método de formação que realmente requer tempo, pois é baseado em tentativa e erro. Porém muitas ideias inovadoras e criativas surgem dessa falta de conhecimento prévio e já moldado.

Outra questão que atrapalhou muito a produção de o *Dia Estrelado*, e que também acontece com muita frequência em outras produções, é a impossibilidade

de que a equipe passe a ter uma dedicação exclusiva para o filme durante o processo de produção, que, em se tratando de filme animado, geralmente demora meses ou anos.

Além de todas as adversidades, o filme de Nara ainda foi vítima de uma situação terrível: o estúdio foi invadido por assaltantes, todo o equipamento foi levado e parte do cenário foi destruído. Mas, apesar de todos os percalços, a equipe se uniu e conseguiu finalizar o filme de maneira exemplar.

Dia Estrelado ganhou prêmios em diversos festivais nacionais e internacionais. Entre eles, foi concorrente no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro em 2013 e no Festival de Havana. Curiosamente o filme entrou em mais festivais de cinema em geral do que em festivais de animação. Nara cita que, por exemplo, o filme não entrou no Anima Mundi (BUCCINI, 2017).

Outra animação dirigida por uma mulher faz parte de um projeto maior. *Olhares de Lilith* é uma adaptação para o cinema do livro *As filhas de Lilith* (2009), escrito por Cida Pedrosa. O livro traz 26 poemas, cada um intitulado com um nome feminino, de A a Z. Esses poemas viraram filmes nas mãos de 26 cineastas pernambucanas. O projeto foi lançado no Festival de Inverno de Garanhuns em 2011, em formato de videoinstalação (BEZERRA, 2011).

O texto *Wilma* ficou a cargo de Eva Jofilsan, recém-formada em cinema digital e especialista em dirigir videopoemas. Como uma das intencões das idealizadoras e curadoras do projeto, Tuca Siqueira e Alice Gouveia, era “mostrar a diversidade de linguagem audiovisual das produções” (BEZERRA, 2011) e Eva possui em seu trabalho um forte interesse pelas artes plásticas e visuais, a opção de experimentar técnicas animadas pareceu bastante natural.

Além disso, visto que o projeto destinou uma ajuda de custo de apenas R\$ 2.000,00 por realizadora, a animação foi uma alternativa bastante prática para a feitura da obra.

O que eu queria fazer era impossível com o orçamento que eu tinha. Tentei enxugar o roteiro mas não pareceu suficiente. (...) Achei por bem que o vídeo deveria ser animação para contemplar todas as imagens e situações impossíveis de produzir na época. (...) Meu interesse com animação é pela possibilidade de tornar visível o invisível, pela facilidade de fantasiar, elucubrar sem as amarras de uma produção cara ou uma equipe enorme. (JOFILSAN, 2016).

Eva convidou o Paulo Leonardo Fialho, um animador pernambucano que já havia realizado diversos filmes em técnicas diferentes, para ajudá-la. “Por ele ser artista plástico, sabia que iríamos confluir na visão técnica e estética. (...) No ponto de vista técnico eu não possuía muitas referências e ele foi fundamental para o processo.” (JOFILSAN, 2016).

Usando como referência imagens criadas pela artista plástica Tereza Costa Rêgo, que também ilustrou o livro, e também pelo pintor britânico Francis Bacon, Paulo experimentou diversas técnicas, como é comum em seu trabalho pessoal. Ele misturou pintura em vidro, recursos digitais e rotoscopia. *Wilma* (2011) (Figura 6)



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.
Figura 6. *Wilma* (2011), de Eva Jofilsan.

foi a única animação de Eva até o momento. Mas ela afirma que planeja outro projeto com a linguagem, do qual tem um argumento desenvolvido.

Reminiscências (2012), dirigido pela artista plástica Clarissa Machado, é uma animação minimalista na qual a câmera passeia pelos cômodos de uma casa. Não vemos pessoas, mas apenas os indícios delas, uma chaleira no fogo, uma sombra refletida ao se abrir uma janela etc. No fim, mostra-se uma gaiola com um passarinho dentro, e a porta da gaiola está aberta, mas o pássaro não sai. Um filme simples, mas com carga muito grande de sensibilidade. Uma obra que atinge sentimentos diversos ao tratar de temas como a saudade, solidão, lar, apego, lembranças, nostalgia, família, relações sentimentais e tantos outros (BUCCINI, 2017).

Clarissa é esposa de Paulo Leonardo Fialho, o animador que mais dirigiu filmes em Pernambuco e que colaborou bastante com o curta. O cenário, todo feito em barro, foi realizado como atividade para uma disciplina de Direção de Arte do curso de Cinema da UFPE, assim como o cenário de *Brecha* (2010), citado anteriormente. A casa retratada foi inspirada na casa da tia de Clarissa.

Basicamente o filme trabalha com fotos estáticas, movimentadas no *software* After Effects para dar ideia de movimento de câmera. As poucas animações foram feitas fotografando peças de barro (como é o caso do fogo), usando outros materiais (como a fumaça da chaleira, que usou algodão captado com a técnica do *go motion* — na qual um objeto é capturado em movimento, não estático, como no *stop motion*) e também animação no próprio After (as gotas que pingam na pia do banheiro). Clarissa dedica-se mais às artes plásticas, e *Reminiscências* (2012) é único filme que dirigiu até hoje. Porém ela atua bastante nos filmes do marido, além de ministrar oficinas de animação com ele.

Em 2008, Cecília da Fonte defendeu seu trabalho de conclusão de curso no Departamento de Design da UFPE. O trabalho consistia na pré-produção de um curta metragem sobre a infância do rabequeiro Mestre Salu, um dos músicos populares mais importantes de Pernambuco.

Trabalho em uma escola infantil e quando tive a ideia de fazer um projeto de um filme decidi que ele seria destinado a crianças. O filme segue um pouco a linha da coleção de livros *Crianças famosas*, que aborda a vida de personalidades como Da Vinci e Michelangelo, tendo como foco a infância dos personagens. Escolhi contar a história de Mestre Salu pois já admirava a trajetória do artista e porque, depois de ter conhecimento de que foi através do Cavalo Marinho que ele iniciou a sua vida musical e sabendo que esse folguedo ainda é pouco conhecido, decidi fazer uma homenagem a ambos (DA FONTE, 2016).

Depois de se graduar, Cecília viajou para os Estados Unidos. Voltando ao Brasil, ela resolveu tocar o projeto do curta e conseguiu financiamento do Programa Petrobras Cultural e do Funcultura. A produção foi feita pela Quadro a Quadro, a primeira produtora pernambucana voltada a animação. O filme passou por diversas adversidades tão comuns aos filmes animados de Pernambuco: falta de mão de obra especializada, recurso limitado, que não consegue deixar a equipe 100% focada no projeto etc.

Mesmo com toda a dificuldade e demora, o filme é tecnicamente bem realizado. A história tem se demonstrado cativante, especialmente entre as crianças, e a repercussão é uma das mais significativas de um filme de animação feito em Pernambuco. *Salu e o Cavalo Marinho* (2014) circulou por mais de 70 festivais e mostras, acumulando 17 prêmios no total. Apesar de muito sucesso e muitos prêmios, também foi a única experiência da *designer* Cecília da Fonte como diretora.

Ainda em 2014, a Produções Ordinária, produtora capitaneada por Chia Beloto e Marila Cantuária, estreou com a série de interprogramas *Noisé* (2014). Oriundos do curso de Cinema de Animação da AESO, os integrantes do grupo Produções Ordinárias, vertente de animação da empresa de produção cultural Cabra Fulô, especializaram-se em criar animações a partir de recorte de papel, técnica utilizada no primeiro curta do grupo, quando ainda estudantes, *Drink me* (2010).

Cada episódio da série aborda uma expressão coloquial típica do estado de Pernambuco referente a um personagem ou uma característica ligada ao tema da identidade e resistência. São seis ao todo: *Fuleiro*, *Manifestado*, *Maloqueiro*, *Cagado*, *Avoado* e *Cabra*. Muitos mesclam animação, documentários e outros tipos de filmagens. “Começamos a empregar um processo de produção que depois nomearíamos de *found object*, baseado no conceito de *ready made*” (BELOTO; CANTUÁRIA, 2016). Tecnicamente os filmes não ficam só na animação com recorte; também lançam mão de animação com *graffiti* em muros, animação de objetos, sombras etc. Com a boa repercussão de *Noisé* (2014), a Produções Ordinária lançou mais uma série de interprogramas, intitulada *Lá vem!* (2015–2016). “A série (...) provoca o imaginário popular nordestino, apresentando em cada episódio de um minuto de animação em *stop motion*, uma personagem do universo carnavalesco ou grotesco, em inesperadas aventuras” (BELOTO; CANTUÁRIA, 2016).

Os dez episódios usam a técnica do *cut-out* analógico e seguem a mesma lógica narrativa: situações surreais envolvendo os personagens do imaginário pernambucano. Assim como a linguagem e narrativa, a produção dos filmes foi bastante experimental e original. O suporte da câmera, por exemplo, foi feito a partir de um improviso usando uma arara de roupa e peças de um tripé. A série foi patrocinada pelo Funcultura e seus episódios tiveram diversas participações em festivais, como o Animage e o Fescine. Durante o festival de Triunfo de 2017, na mostra não competitiva de animações pernambucanas, os 10 episódios foram exibidos em sequência.

Dois anos depois, a produtora lançou seu primeiro curta verdadeiro, visto que os demais eram capítulos das séries ou uma coletânea deles. *Fazenda Rosa* (2017) (Figura 7) foi inspirado no imaginário que cerca a obra do músico olindense Erasto Vasconcelos, morto em 2016, antes da finalização do filme. “A obra é uma representação afetuosa da paisagem sonora gravada pelo mestre no álbum de canções à capela que leva o mesmo título” (ÉDIPO, 2017).

Mais dois anos separam *Fazenda Rosa* (2017) do seu sucessor, *Um peixe para dois* (2019), concebido como um piloto de série que acabou sendo realizado como curta independente. O filme é uma fábula surreal sobre solidão e relações humanas. Um ano depois, a Produções Ordinária lança seu projeto mais audacioso, realizado pelo edital PRODAV TVs Públicas: *Foi assim, foi assado* (2020), uma série educativa que reconta algumas das descobertas da humanidade de uma forma lúdica e



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.

Figura 7. *Fazenda Rosa* (2017), de Chia Beloto e Marila Cantuária.

fantasiosa a partir do olhar de uma criança e sua avó inventora de traquitanas. A primeira temporada teve 13 episódios de sete minutos.

Atualmente Chia e Marila estão no aguardo da liberação dos recursos ganhos no edital Funcultura 2018 para iniciar a produção do primeiro longa da Produções Ordinária, *Medo Comum*, que será provavelmente o segundo longa do estado de Pernambuco, o primeiro em *stop motion*.

Vale destacar nesta compilação das mulheres diretoras de animação o nome de Renata Claus, que, apesar de não ter assinado a direção de nenhum filme animado, é uma das profissionais que mais atua no mercado de animação, seja como animadora, seja como ministrante de oficina, júri, curadora, pesquisadora e também coordenadora de equipe em projeto de série para TV. Em 2015, Renata lançou um documentário chamado *Exíliã* (2015), que nasceu como um projeto de animação documental, mas acabou virando um doc *live action* com cenas animadas. Atualmente Renata está com dois projetos de *stop motion*, técnica de sua preferência, chamados *Bem Perto do Mar* e *Finitude*.

Uma das principais produtoras de animação no estado é a Viu Cine. Dentre seus funcionários, diversas mulheres se destacam. Amanda Aquino, *designer* e animadora, trabalhou na Viu Cine em algumas séries, ao mesmo tempo que dava expediente na Manifesto, empresa de jogos digitais do Recife. Hoje ela mora em São Paulo. Marília Feldhues dirigiu na Viu Cine o curta *Adeus* (2018) e codirigiu, com Marcos França, o primeiro longa pernambucano, *Além da Lenda* (2021), com estreia marcada para agosto de 2021. Marília também se mudou para São Paulo. E, finalmente, Camila Monart, que trabalha como diretora geral da parte de animação da produtora e assina a direção de duas séries ainda em produção, *Zoopedia* e *Iuri Udi*.

No ano de 2018, Nara Normande lançou sua segunda animação, que pode ser considerada a mais importante da filmografia pernambucana — pelo menos em relação a repercussão, participação em grandes festivais e premiações: *Guaxuma* (2018) (Figura 8), ganhadora de prêmios em Gramado (RS) e Brasília (DF) e participante em



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.

Figura 8. *Guaxuma* (2018), de Nara Normande.

Annecy, entre outros eventos internacionais. O filme é um semidocumentário autobiográfico sobre a relação da diretora com uma amiga de infância chamada Tayra. O curta é todo realizado com areia, uma alusão à praia onde elas cresceram juntas e que dá título ao filme. “A escolha da areia como matéria-prima para a construção das personagens e do cenário sugerem o efêmero do tempo e das memórias de uma infância que já se foi, grãos que transitam sobre a tela ilustrando cada instante desse revisitar trazido pela narração em off” (MOURA; BUCCINI, 2020). Nara continua trabalhando com animação e cinema *live action*.

Outro nome fundamental para a animação pernambucana hoje em dia é Nara Aragão. Ela ainda não é diretora nem animadora, mas sim produtora. Sócia de uma das principais produtoras de Recife, a Carnaval Filmes, Nara está à frente de diversos projetos de curtas e séries para TV, como *Bia Desenha* (2019), escrita por Kalor Pacheco, e *Próximo Passado* (em desenvolvimento), fora diversos projetos ainda em captação de recursos que contarão com a direção da própria Nara. Além disso, ela atualmente preside a Associação Brasileira de Cinema de Animação durante a gestão 2021 a 2023.

UMA NOVA GERAÇÃO

O ano de 2019 marcou a estreia de uma nova geração de diretoras. Começando com Duda Rodrigues, que lançou *O Homem das Gavetas* (2019) (Figura 9), um filme em *stop motion* que conta a história de um ser que tem o corpo formado por gavetas e parte em uma jornada com o objetivo de preencher os espaços vazios no seu interior. A direção de arte se inspirou nos movimentos de vanguarda da arte moderna. O filme, que teve o patrocínio do Funcultura, está sendo muito bem-sucedido em participações em festivais e prêmios. Duda atualmente está trabalhando com animação em São Paulo.



Fonte: Captura da tela do filme feita pelo autor.

Figura 9. *O Homem das Gavetas* (2019), de Duda Rodrigues.

Outro *stop motion* que também teve verba do Funcultura foi *Não Moro Mais Aqui* (2019), de Laura de Araújo. O filme conta a história de uma avó e uma neta que, com o passar do tempo, acabam invertendo os papéis. Por último, temos *O Silêncio Lá de Baixo* (2019), da artista plástica e animadora pernambucana Pamela Araújo. O filme foi realizado durante seu mestrado na cadeira de Processos Artísticos Contemporâneos no Programa de Pós-Graduação de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. Ela utiliza a técnica da pintura quadro a quadro de nanquim sobre papel para falar sobre uma experiência autobiográfica relacionada a assexualidade.

A ideia surgiu a partir de inquietudes suscitadas no encontro com os termos assexualidade e demissexualidade. O que inicialmente seria um quadrinho, foi ganhando forma e movimento dentro de mim e então me propus a mergulhar ainda mais fundo. Assim, com o intuito de falar sobre silêncio, invisibilidade e outras maneiras de ser” (ARAÚJO, 2019).

Pamela hoje está morando fora do país e trabalha no Cartoon Saloon da Irlanda.

CONSIDERAÇÕES

Este texto teve o objetivo de mostrar quais são os principais filmes dirigidos por mulheres na filmografia pernambucana e destacar quem são essas diretoras e em que contextos elas realizaram suas obras. Obviamente é um panorama superficial, mas que serve de base para um aprofundamento da pesquisa a partir de entrevistas e análises mais complexas.

Como mostrado no início do artigo, o número de filmes animados dirigidos por mulheres cresceu muito na última década no estado de Pernambuco. Ainda não temos dados da participação de mulheres em outras funções, como roteiristas, produtoras e animadoras. Mas o aumento de mulheres à frente dos filmes já nos dá uma ideia do que vem acontecendo.

Porém não é só em termos quantitativos que as mulheres ganham espaço na filmografia de Pernambuco. Qualitativamente, as obras dirigidas por elas vêm se destacando em mostras e festivais pelo mundo, especialmente os filmes que possuem financiamento de órgãos públicos e editais. Isso significa que esses trabalhos, a princípio, possuem qualidade profissional, tendo condições de participar de grandes festivais e angariar prêmios importantes. Uma realidade que vem sendo comprovada.

Hoje, o principal nome do cinema de animação pernambucano é uma mulher: Nara Normande. Soma-se a isso o fato de termos mulheres à frente de equipes de produção em grandes produtoras do estado — como Nara Aragão, na Carnaval Filmes, e Camila Monart, na Viu Cine, além de termos filmes como *Guaxuma* (2018) e *O Homem das Gavetas* (2019) faturando prêmios e participando de festivais internacionais. Isso significa que, numericamente, as produções animadas dirigidas por mulheres podem (ainda) ser poucas, porém, em termos de importância para a filmografia do estado, é válido afirmar que as mulheres hoje são protagonistas da animação em Pernambuco.

REFERÊNCIAS

- A SAGA DA ASA BRANCA. Direção e produção: Lula Gonzaga. Brasil, 1979. 6min.
- ARAÚJO, P. **Sobre O silêncio lá de baixo**. Pamella Araújo (Blog), 2019. Disponível em: <https://memoh.wordpress.com/2019/01/29/sobre-o-silencio-la-de-baixo/>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- AZEREDO, E. IV festival de cinema amador JB/Mesbla. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 10, 07 nov. 1968. Disponível em: <https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1lRwC&dat=19681107&printsec=frontpage&hl=pt-BR>. Acesso em: 26 mar. 2015.
- BELOTO, C.; CANTUÁRIA, M. **Entrevista** concedida ao autor por e-mail. 24 set. 2016.
- BEZERRA, E. As filhas de Lilith pela ótica de 25 diretoras. **JC Online**, Recife (PE), 16 de julho de 2011. Disponível em <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2011/07/16/as-filhas-de-lilith-pela-otica-de-25-diretoras-10218.php>. Acesso em: 04 ago. 2016.
- BRECHA. Direção: Julia Araújo e Nathália D’Emery. Brasil, 2010. 5 min.
- BUCCINI, M. **História do cinema de animação em Pernambuco**. Recife: Serifa Fina, 2017.
- CARNEIRO, G.; SILVA, P. H. **Animação brasileira – 100 filmes essenciais**. Rio de Janeiro: Letramento, 2018.
- DA FONTE, C. **Entrevista** concedida ao autor por e-mail. 06 jan. 2016.
- DIA ESTRELADO. Direção: Nara Normande. Brasil, 2011. 18 min.
- DIAS, P. A. **Entrevista** concedida ao autor. Recife, 16 set. 2015.
- ÉDIPO, R. Fazenda Rosa, o filme que remonta a paisagem sonora de Erasto Vasconcelos. **Por Aqui**. 2017. Disponível em: <https://poraqui.com/olinda/fazenda-rosa-o-filme-que-remonta-a-paisagem-sonora-de-erasto-vasconcelos/>. Acesso em: 09 jun. 2021.
- FARIAH, C. **O design de animação no Brasil**. 2015, 193 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015. Disponível em: http://anapaulanasta.com/wpcontent/uploads/2015/10/FARIA_Cristiane_odesigndaanimacaonobrasil.pdf. Acesso em: 9 jun. 2021.
- FAZENDA ROSA. Direção: Chia Beloto e Marília Catuária. Brasil: Produções Ordinárias, 2017. 9 min.
- FURNISS, M. **Art in motion: animation aesthetics**. New Barnet: John Libbey, 2009.
- GUAXUMA. Direção: Nara Normande. Brasil: Garça Torta, 2018. 15 min.
- JOFILSAN, E. **Entrevista** concedida ao autor por e-mail. 12 jan. 2016.
- MAGALHÃES, M. Marcos Magalhães, a câmera Oxberry e a criação do núcleo de animação. **Revista Filme Cultura**, n. 49, 2007.
- MORENO, A. **A experiência brasileira no cinema de animação**. Rio de Janeiro: Arte Nova S.A., 1978.
- MOURA, C.; BUCCINI, M. As praias de Nara: o autorretrato animado em “Guaxuma”. *In*: Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Virtual, 2020. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Virtual, 2020.
- O PAVÃO MISTERIOSO. Direção: Patrícia Alves Dias. Brasil, 1989. 10 min.
- PRESEPE. Direção: Patrícia Alves Dias. Brasil, 1986. 6 min.
- SCHNEIDER, C.; BOLSHAW, C.; LINDOSO, P. Quem são elas? As Mulheres Brasileiras no Cinema de Animação. **Anais do 3º Seminário Brasileiro de Estudos em Animação – SEANIMA**. Resumos Expandidos. Virtual, 2020.
- SMITH, S. L.; CHOUETI, M.; PIEPER, K.; CLARK, H. **Increasing inclusion in animation: investigating opportunities, challenges, and the classroom to the C-suite pipeline**. Los Angeles: USC Annenberg Inclusion Initiative, 2019. Disponível em: <http://assets.uscannenberg.org/docs/aai-inclusion-animation-201906.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

WILMA. Direção: Eva Jofilsan. Brasil, 2011. 4 min.

WOMEN IN ANIMATION. 50/50 BY 2025. 2021. Disponível em: <https://womeninanimation.org/5050-by-2025/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

Sobre o autor

Marcos Buccini: possui graduação em Design (1999) e mestrado em Design da Informação (2006) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É Doutor em Comunicação (2016) pela mesma instituição. Em 2008 ingressou como professor do curso de Design do CAA/UFPE. Em 2019, tornou-se professor do curso de Cinema da UFPE. Atualmente pesquisa teoria e história da animação e é autor do livro História da Animação em Pernambuco.

Conflito de interesses: nada a declarar – Fonte de financiamento: nenhuma.

